

‘Pode ser por *Whatsapp*?’ Aspectos Interacionais nas Mensagens de Aplicativos de Celular no Contexto da Disciplina de Educação Nutricional¹

Maria Irene de Castro BARBOSA²

Daniela Menezes Neiva BARCELLOS³

Maria Cláudia da Veiga Soares de CARVALHO⁴

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Os meios de comunicação se encontram em posição privilegiada nas disputas por verdades. O processo de formação profissional em Nutrição, impregnado pela *cibercultura*, reflete aspectos interacionais que podem operar como ferramenta de análise do processo ensino-aprendizagem. Buscamos analisar o potencial interativo de aplicativos de celular em sala de aula. Na metodologia aplicamos o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky ao uso de ‘Whatsapp’ no contexto de ensino-aprendizagem. Entendemos que a interação dos sujeitos, e a cooperação entre as pessoas nos celulares promove um espaço de trocas alinhado com a cultura local. Construir vínculos de comunicação pelo celular exige dos sujeitos a criação de códigos próprios que geram rapidez e socialização, dinamizando aspectos interativos saudáveis para o ambiente ensino-aprendizagem quando orientados para esse fim.

Palavras-chave: aplicativos de celular; aspectos interacionais; ambiente ensino-aprendizagem.

Introdução

O campo de interação mediada entre os indivíduos apresenta-se como uma questão que instiga reflexões sobre os contatos e modos de convívio em um tempo modificado pela internet. Como os indivíduos interlocutores se mantêm díspares, como reforçam vínculos e como a prática de comunicação provoca impactos sociais na maneira de aprender e ensinar, nos modos de perceber, sentir e pensar diferentes

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Nutrição pelo Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail mariairenedecastro@gmail.com

³ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail daniela@neiva.com.br

⁴ Pós-doutora em Comunicação pelo PPG COM / ESPM-SP. Professora Adjunta do Instituto de Nutrição Josué de Castro de Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail mariaclaudiaveigasoares@yahoo.com.br

saberes no cotidiano dos cursos profissionais como o de Nutrição. As construções teóricas e práticas relativas à diversidade de meios e mensagens de comunicação na contemporaneidade norteiam a atuação de especialistas e profissionais sobre os canais possíveis a serem seguidos.

Tendo como pano de fundo o intercâmbio de informações face a face como ponto de partida, citado pelo sociólogo John B. Thompson (2009, p.77) em seu livro “Mídia e Modernidade”, “durante a maior parte da história humana, a grande maioria das interações sociais foram face a face”, podemos perceber que com o desenvolvimento das novas tecnologias dos meios de comunicação os modelos tradicionais de interação social foram afetados e surgiu “uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do tempo e do espaço”. Nessa direção, cabe aprofundar as múltiplas formas de ação, interação e relações sociais para estar no mundo, sobretudo no atual cenário amplificado das práticas comunicacionais na contemporaneidade, o qual implementou o uso da comunicação digital e, com ela, das plataformas de mídia sociais.

Corroborando, nesse cenário, o fato dos modos de interagir na cultura contemporânea seguirem num caminho sem volta e, portanto, a mobilização de uma prática em função da tecnologia é inevitável e imprescindível. Segundo Carolina Terra,

[...] atualmente é possível dizer, até mesmo, que a relação entre comunicação e tecnologia é indissolúvel, irreversível e não passível de ser negligenciada, o que coloca o comunicador contemporâneo em constante exercício de correlação entre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e a tradicional arte de comunicar (TERRA, 2011, p.20).

Este trabalho apresenta os contornos da comunicação e da educação para além do tradicional, em contínuo avanço na expansão de conteúdos, inclusive nos ambientes educacionais com o uso de ferramentas de interação como produtos dentro da cultura. O objetivo central do estudo está centrado na proposta de implementação do conceito de *aspectos interacionais* no processo de ensino-aprendizagem, na disciplina de Educação Nutricional (EN) do Curso de Graduação em Nutrição, do Instituto de Nutrição Josué de Castro (INJC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir de diálogos entre graduandos e tutores, em grupos de mensagem de aplicativos celular. A intenção é perceber a potência educativa imbricada com a questão dos novos modos de relacionar-se e interagir na contemporaneidade através de tecnologias que ressignificam o

cotidiano do ambiente educacional e operam, neste estudo, como recursos para educação alimentar e nutricional. É na realidade local, onde se travam as lutas simbólicas para construção de uma prática que se pretende libertadora em defesa do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), que todas as formas de mobilização de uma prática amparada pela tecnologia são pertinentes.

A disciplina de EN é composta por diferentes atores sociais, incluindo docentes, tutores e graduandos e envolve, na metodologia de ensino, a apropriação das TICs. As Tecnologias da Informação e da Comunicação, nesse contexto, não são entendidas apenas como ferramentas tecnológicas, mas como reflexos da *cibercultura*, se traduzidas na realidade contemporânea.

Assim, nesse trabalho, propõe-se o intercâmbio entre os campos da comunicação, a partir da utilização das TICs no processo de ensino-aprendizagem, e da educação, que é a temática central da disciplina de EN. Tal espaço considera que não há como pensar as tecnologias à margem do processo educativo, uma vez que os sujeitos estão impregnados pela *cibercultura*. Para Maria Aparecida Baccega (2009), há disputa da hegemonia de construção de valores dos sujeitos entre diferentes agências de socialização (os meios de comunicação, a família e a escola), e a mídia encontra-se em momento privilegiado.

Em torno dessa reconfiguração estão os espaços de aprendizagem ligados à profissionalização no campo da Alimentação e Nutrição, que não se restringem à sala de aula, mas se estabelecem, também, através das mídias sociais, como recurso de mediações. Segundo Vani Moreira Kenski (2003), as telas se tornaram espaços privilegiados que influenciam a forma de pensar, agir, é o reflexo da cultura *cibernética* característica da nossa sociedade. Para Terra (2011, p. 22), “umas das características mais evidentes da comunicação digital é a possibilidade de interação e *feedback*. Chamamos esses dois atributos de comunicação simétrica ou assimétrica de mão dupla”. A utilização de certa tecnologia pode favorecer ou desfavorecer práticas específicas, inclusive o fortalecimento da troca e do diálogo que desenvolvem papel ativo na construção dos sujeitos e sua profissionalização, o que justifica a articulação do uso de tecnologias da comunicação no cenário de aulas da universidade.

Reflexos da cultura cibernética

O *ciberespaço* é criado a partir de vínculos estabelecidos na interatividade digital. No mundo *on-line*, os usuários-mídia, termo cunhado por Terra (2011), usam as mídias digitais para receber, reformatar e amplificar as vozes do cotidiano e, imediatamente, conferem novas configurações ao processo de ensino-aprendizagem. Segundo a autora (2011, p. 67), “cada um de nós pode ser um canal dessa mídia: um produtor, criador, compositor, montador, apresentador, remizador ou apenas um difusor dos próprios conteúdos”. As trocas e o intercâmbio entre as pessoas não são iguais, assim como na realidade fora do *ciberespaço*. Todavia, nas reflexões de Luís Mauro Sá Martino (2014), todos os sujeitos estão de alguma forma estabelecendo conexões.

Deste modo, no *ciberespaço* estabelece-se uma reunião de relações sociais de sujeitos que se articulam em redes interconectadas e no caso deste estudo, em aplicativos de celular a qual denominamos *cibercultura*. Nesta troca entre os sujeitos, mantêm-se ideias e práticas da realidade fora do *ciberespaço*, mas criam-se peculiaridades específicas mediadas pela tecnologia. Como cita Martino (2014), apesar desta mediação, as tecnologias não determinam as ações humanas, apenas criam condições para algumas práticas.

Os aplicativos comumente utilizados nestes ambientes são *softwares* projetados para serem executados em dispositivos móveis como os *smartphones*, amplamente manipulados para realizarem serviços desempenhados pelo computador. Segundo Terra (2011, p. 20), “a comunicação digital, com seu potencial de geração de fluxos informativos e multidirecionais, faz com que as relações sociais se desverticalizem nos diferentes ambientes”.

Na visão de Martino (2014) as mudanças são constantes e tem-se a impressão de que há um descompasso na relação entre tempo e espaço. Essa transformação também tem influenciado o modelo de construção de conhecimento no espaço escolar, sendo necessário considerar os meios de comunicação (as TICs), nesse e em todos os ambientes, como agentes de socialização privilegiados. Tal mudança iniciou-se no final do século XX quando incorporamos os computadores e a *internet* ao nosso cotidiano, culminando na criação de um novo espaço denominado *ciberespaço*.

A *cibercultura* no processo de ensino-aprendizagem

Para a aproximação com os aspectos simbólicos construídos na relação entre graduandos e tutores no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de EN, que se desenvolve, também, em um espaço cibernético, consideramos importante elencar aspectos do conceito de campo comunicação/educação.

Esse campo considera que há uma disputa entre diferentes agências de socialização, família, escola e mídias, na hegemonia da construção de valores dos sujeitos. Desse modo, nos motiva conhecer o intercâmbio e o diálogo entre essas diferentes agências, que devem tornar-se um espaço de inter-relacionamento de diferentes conhecimentos, que na atualidade, prioriza a mídia no processo de socialização. Assim, de acordo com Baccega (2009), entender a dinâmica da mídia na imersão da cultura potencializa a capacidade de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Deste modo, buscamos compreender como os sujeitos, impregnados pela *cibercultura*, estabelecem relações em um processo educativo que considera essa característica no contexto universitário.

Nesse sentido, observar a troca entre os sujeitos mediados pelas TCIs no curso de graduação pode abrir possibilidade de criação de novas perspectivas educacionais, considerando um processo educativo contextualizado, que dialogue com as transformações na dinâmica das relações sociais, influenciados pela *cibercultura*. Apesar dessa prerrogativa, pondera-se que diferentes espaços educacionais ainda consideram que a *cibercultura* está à margem da educação. Não há como impedir sua entrada na academia, uma vez que os sujeitos já estão impregnados desses modos. Segundo Jesus Martín-Barbero, o processo educativo pode optar por considerar ou não tais transformações, contudo

só assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela nossa sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças. (...) Só encarregando-se dessas transformações, poderá a escola interagir com as novas formas de participação cidadã que o novo ambiente comunicacional abre, hoje, à educação. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 59)

É preciso, então, compreender essa dinâmica para percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam ressignificado, editado, e estarmos a par das mediações que conformam as nossas ações, para, assim, fortalecer espaços menos desiguais, mais

inclusivos. Para Baccega (2009), um dos maiores desafios é fazer com que os sujeitos acríticos percebam a realidade editada pela influência da mídia, e compreendam que é a partir desse contexto que se impõe construir a cidadania, o que pressupõe a formação de sujeitos ativos que estão para além do que está dado.

Aspectos interacionais: uma ferramenta conceitual

O termo aspectos interacionais neste estudo foi delineado a partir da releitura de conceitos de Lev Semenovitch Vygotsky (2007) e Paulo Freire (1996, 2005). A interação, neste estudo, advém de vislumbrar o potencial comunicacional nos diálogos em um aplicativo de mensagem de celular, o *whatsapp*®. Sua formulação não apresenta um objetivo pedagógico, entretanto, o seu uso no campo da pesquisa faz-se instrumental no contexto de ensino-aprendizagem se entendermos que o que aprendemos envolve os agentes e a socialização. Desta forma, justifica-se a necessidade de conceituar aspectos interativos como recursos relevantes presentes no processo educativo em geral, e também no que concerne o processo de ensino-aprendizagem.

Neste contexto, entendemos que a concepção de Vygotsky (2007) sobre a relação entre aprendizado e desenvolvimento mental humanos alinha-se teoricamente com o aspecto educativo da interação que buscamos definir. Para o autor (2007), é pela interação dos sujeitos ou através da cooperação entre as pessoas que o aprendizado se estabelece. A interação se constitui em um espaço de trocas de elementos simbólicos, que são intercambiados quando os sujeitos se sentem afetados. Assim,

(...) o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 2007, p.117-118).

A interação é, nesse sentido, parte do processo de ensino-aprendizagem que pode facilitá-lo ou até mesmo impedi-lo. Entretanto, a inclusão das tecnologias como

mediação da comunicação não é parte do processo de ensino-aprendizagem, mas um condicionante desse processo. A aproximação entre os atores sociais é um elemento de análise dos aspectos interativos, uma vez que, de modo virtual ou presencial, interagir demanda contato entre as partes. Assim, é o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposto por Vygotsky, que fundamentou a perspectiva teórica deste estudo quanto ao que consideramos o aspecto educativo da interação em aplicativos de mensagens no celular como um mediador de contato e de aproximação. A ZDP nos termos de Vygotsky é

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.(...) A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. (VYGOTSKY, 2007, p.112-113).

Deste modo, embora a construção do conceito de ZDP esteja relacionado à experiência com crianças, ampliamos suas possibilidades para outros momentos de vida como uma distância entre os níveis de desenvolvimento real e potencial em relação à alteridade educadores/educandos. O nível de desenvolvimento real refere-se aos conhecimentos já consolidados, incorporados como prática, ou seja, o que sujeito já consegue fazer por si mesmo. Já o nível de desenvolvimento potencial caracteriza-se pelo conhecimento que poderá ser consolidado com o auxílio de companheiros mais capacitados. Soma-se ainda que a potência para o estabelecimento de novos conhecimentos é determinada pela historicidade dos sujeitos. Tal potencial permanece em estado de latência e, uma vez localizado, por aproximação com a cooperação de outros sujeitos mais experientes, pode ser amadurecido e se transformar em algo construído por ambos.

Deste modo, a releitura do conceito de ZDP nos aproximou de um entendimento sobre como decorre o relacionamento entre os sujeitos na perspectiva do ensino-aprendizagem mediado pelas TCIs. Assim, é a partir da interação entre diferentes atores sociais e com a mídia, capaz de ressignificar e compartilhar conteúdos, que se possibilitará a criação da ZDP. Dessa forma, poderá fortalecer a consolidação de novos saberes e, independente do espaço de aprendizagem ser presencial ou virtual, a troca e o

diálogo podem possibilitar a construção de novas formas de se relacionar e interagir na cultura contemporânea.

A prática cotidiana nos termos de Freire e a ZPD

Neste cenário em que as ferramentas de interação nos inundam de mensagens e emissor e receptor se retroalimentam, somamos às contribuições de Vygotsky (2007), aspectos da concepção de educação de Freire (1996, 2005), já que a delimitação de *aspectos interacionais*, está, neste trabalho, no contexto de uma disciplina de graduação incluída no campo da Educação Alimentar e Nutricional.

Temos como elementos que compõem o universo da pesquisa sobre os aspectos interacionais os elementos de prática educativa em uma perspectiva freiriana: o diálogo que se estabelece entre os sujeitos, com respeito às disparidades entre os papéis de educadores e educandos e seus desdobramentos, e também a afetividade, que não está desalinhada com a formação científica e o posicionamento político dos sujeitos na sala de aula da universidade. A perspectiva freiriana envolve o acolhimento, a construção de vínculo, e a confiança que são categorias que operam na aproximação entre os sujeitos. Nessa perspectiva a pedagogia se coloca na aproximação entre as individualidades como estratégia de mediação de conflitos, promoção de prática problematizadora, reflexiva e crítica, numa transformação objetiva de ensino e aprendizagem na realidade escolar.

Se a ZPD delimita um espaço de internalização na transformação do sujeito, na pedagogia de Freire, a autonomia que se constitui como apropriação de si na experiência educativa com várias decisões tomadas. Para Freire aspectos dessa interação como a retomada de esperança como um aprendizado, impulsiona transformação do sujeito na mudança ou da permanência do hoje.

Considerações finais

A concepção de *aspectos interacionais* delimita um espaço de continuidade, sem começo, meio e fim muito claros, para pensarmos o processo de ensino- aprendizagem, uma vez que as interações entre sujeitos, de modo presencial ou virtual, se dão como cultura local, que transborda os sujeitos em culturas plurais. Neste panorama, sob a ótica

de Terra (2011, p. 75), o usuário “produz e/ou compartilha conteúdos e se expressa pelas mídias sociais esperando ser ouvido, atendido ou influenciar outros”. Deste modo, a construção de saberes decorrente da interação se estabelece nas relações cotidianas e também no espaço acadêmico pode investir nessa concepção como ferramenta de trabalho, e nesse sentido os aplicativos de celular podem objetificar uma função de ZDP.

Uma das características das novas tecnologias de informação e comunicação é a possibilidade construir vínculos de comunicação de forma dinâmica. Alex de Araújo Souto e Sheila Maria Tabosa Silva Souto (2008), ressaltam que a velocidade de comunicação em espaços cibernéticos, incluindo os grupos de mensagens de celular, exigiu dos sujeitos a criação de códigos próprios para se comunicarem. Deste modo, surge o *internetês*, que mescla a língua oral e a língua escrita. Esta nova linguagem gera rapidez no processo de comunicação na tentativa de se aproximar da agilidade da língua oral.

Neste caso, essa é uma linguagem adquirida no convívio com o mundo virtual, que inclui o uso de celulares. Para Fernanda Silveira Correa Galli (2002, p. 5), “cada tipo de linguagem tem e apresenta a sua natureza, manifestando-se por diferentes tipos de elementos linguísticos e, através deles, os extralinguísticos, apontando suas características e especificidades, passíveis de reconhecimento”.

A disciplina de EN do INJC, ao incluir e orientar grupos de conversas em aplicativos de mensagens de celular, corrobora para que esse contexto de transformação nos processos comunicacionais considere a interface da *cibercultura*. Talvez a conclusão que podemos chegar é que a análise dos discursos construídos, ressignificados e compartilhados em aplicativos de celular busca evidenciar aspectos simbólicos do comer atualizados na cultura local presentes na interação no espaço *cibernético*, até então não interpretados.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Ciência & Comunicação**, São Paulo, v.14, n.3, p.19-28, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 57p. (Coleção Leitura)

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 48ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005, 213p.

GALLI, F. C. S. **Linguagem da internet**: um meio de comunicação global. 2002. Disponível em:< <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP; Papirus, 2003. 157p. (Série Prática Pedagógica)

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da Educação à Comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.18, p.51-61, 2000.

MARTINO, L. M. S. **Teorias das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 291p.

SOUTO, A. A.; SILVA, S. M. T. A retextualização e o uso do internetês como prática escolar. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO MODALIDADE DE ENSINO, 2, 2008, Recife. **Anais...** Recife, 2008.

TERRA, C. F. **Mídias sociais... e agora?**: o que você precisa saber para implementar um projeto de mídias sociais. Rio de Janeiro: Editora Sesc, 2011.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.90p.